



19º Congresso Brasileiro de Infectologia Pediátrica



Trabalhos Científicos

Título: Perfil Epidemiológico Da Sífilis Congênita Na Paraíba

Autores: FRANCISCO GEYSON FONTENELE ALBUQUERQUE; VICTOR EMANUEL PEREIRA FERREIRA; FRANCISCO OZIRES HENRIQUES COSTA FILHO; GABRIELLA AMÂNCIO MATOS; VALCLEBERSON ELIAS FARIAS; THAÍS BERNARDINO LIMA; RODRIGO SOUSA LIMA; MARIA DO CARMO DE ALUSTAU FERNANDES

Resumo: Objetivo: O presente estudo teve a finalidade de analisar o perfil epidemiológico dos casos de sífilis congênita no estado da Paraíba de 2008 a 2013. Método: Trata-se de um estudo observacional analítico, realizado a partir de dados públicos, disponíveis no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), sobre os casos confirmados de sífilis congênita no estado da Paraíba de 2008 a 2013. Os dados não apresentam a identificação do usuário, de forma a não ser necessária a aprovação do estudo para o Comitê de Ética em Pesquisa. Resultados: A sífilis congênita é uma infecção do feto pelo *Treponema pallidum*, por via placentária, em qualquer momento da gestação ou no parto. Foram notificados 753 casos de sífilis congênita na Paraíba, no período de 2008 a 2013. O ano com maior notificação foi 2012 (28,8%), com uma redução significativa no ano de 2013 (63,13%). Esta redução considerável pode ser um ponto positivo devido à tríade vigilância/assistência/prevenção, a qual deve ser cada vez mais relevante para reduzir o desfecho desagradável da doença principalmente para o recém-nascido. Por outro lado, não pode ser descartado a possibilidade de falha na notificação. No período de 2008 a 2013, a raça parda foi a mais acometida pela doença (72,0%, n=542), seguido pela raça branca (15,0% n=113). Em relação à escolaridade, o maior número de casos foi de mães com ensino fundamental incompleto (53,3%). Os dados de escolaridade e de raça corroboram outros estudos sobre o perfil epidemiológico de sífilis congênita. Além disso, 81,4% das mães que tiveram filhos com sífilis congênita realizaram pré-natal. Este, quando realizado de forma adequada, leva ao diagnóstico precoce e tratamento apropriado, os quais são considerados medidas relativamente simples e bastante eficazes na prevenção da doença. Dos recém-nascidos com sífilis congênita, 95,9% se mantiveram vivos, enquanto que 2,9% evoluíram para o óbito causado por sífilis congênita. A partir do diagnóstico do filho, 58,7% dos parceiros não realizaram tratamento para sífilis. Este resultado é preocupante, uma vez que os parceiros devem ser incluídos no pré-natal e receber tratamento adequado, visto que isso pode ser eficaz na cura materna e, conseqüentemente, na eliminação do agravo. Ademais, a falta de tratamento pode favorecer a reinfecção e transmissão vertical. Conclusão: A partir destes resultados, pode-se concluir que crianças de raça parda, filhas de mães de baixo nível de escolaridade, foram as mais acometidas pela sífilis congênita, mas apresentaram uma boa evolução. É fundamental que medidas efetivas para o controle desse agravo de notificação compulsória sejam sempre trabalhadas. Por fim, são necessárias melhores estratégias para informar a todos as formas de prevenção, transmissão e tratamento.